

**FACULDADE DE PEDAGOGIA COMUNITÁRIA DA SERRA
REDE DE ENSINO DOCTUM**

**ANDRESSA APARECIDA SOUZA DE OLIVEIRA RAMOS SILVA
LOURDES ELIETE SCHUNK PEREIRA**

**EDUCAÇÃO INFANTIL: CENÁRIO DE APRENDIZAGEM E
DESENVOLVIMENTO**

**Serra
2013**

ANDRESSA APARECIDA SOUZA DE OLIVEIRA RAMOS SILVA
LOURDES ELIETE SCHUNK PEREIRA

**EDUCAÇÃO INFANTIL: CENÁRIO DE APRENDIZAGEM E
DESENVOLVIMENTO**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à
Faculdade de Pedagogia Comunitária da Serra -
Rede de Ensino Doctum como requisito de
avaliação do curso de Pedagogia.

Sob a orientação da Professora Mestre Larissy
Alves Cotonhoto.

Serra

2013

**ANDRESSA APARECIDA SOUZA DE OLIVEIRA RAMOS SILVA
LOURDES ELIETE SCHUNK PEREIRA**

**EDUCAÇÃO INFANTIL:
CENÁRIO DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO**

Aprovada em ____/____/____ pela banca composta pelos professores:

Professor (a) orientador (a): Msc. Larissy Alves Cotonhoto

Professor (a) examinador (a): Dr^a Lilian Pereira Menenguci

Aluno (a): Andressa Aparecida Souza de Oliveira Ramos Silva

Aluno (a): Lourdes Eliete Schunk Pereira

DEDICATÓRIA

Dedicamos este, bem como todas as nossas demais conquistas, aos nossos amados pais, irmãos e filhos.

E o que dizer a vocês Weberson e Joel?

Nosso porto seguro. Obrigada pela paciência, pelo incentivo, pela força e principalmente pelo carinho.

Valeu a pena toda distância, todo sofrimento, todas as renúncias... Valeu a pena esperar...

Hoje estamos colhendo juntos, os frutos do nosso empenho!

Esta vitória é nossa!

Aluno (a): Andressa Aparecida Souza de Oliveira Ramos Silva

Aluno (a): Lourdes Eliete Schunk Pereira

AGRADECIMENTO

Primeiramente a Deus, que até aqui nos ajudou e nada seríamos sem a fé que temos nele.

Aos nossos pais, irmãos, esposos Weberson e Joel, aos nossos filhos e a toda nossa família que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que chegássemos á esta etapa de nossa vida.

À professora Larissy pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão desta monografia.

A todos os professores do curso, que foram tão importantes em nossa trajetória acadêmica e no desenvolvimento desta monografia.

Aos amigos e colegas, pelo incentivo e pelo apoio constante.

Aluno (a): Andressa Aparecida Souza de Oliveira Ramos Silva

Aluno (a): Lourdes Eliete Schunk Pereira

"O nascimento do pensamento é igual ao nascimento de uma criança: tudo começa com um ato de amor. Uma semente há de ser depositada no ventre vazio. E a semente do pensamento é o sonho. Por isso os educadores, antes de serem especialistas em ferramentas do saber, deveriam ser especialistas em amor: intérpretes de sonhos."
(Rubem Alves)

RESUMO

O objetivo desse estudo é discutir algumas mudanças ocorridas na educação infantil, as quais garantem à criança o direito de espaços educacionais que contribuam para o seu pleno desenvolvimento. Entendendo a criança como um sujeito histórico-cultural, encontramos nos estudos de Vigotsky, apontamentos importantes para nossa investigação. Buscamos entender em que proporção as práticas pedagógicas e a organização do espaço e tempo contribuem para a transformação do espaço da educação infantil, em um cenário de aprendizagem e desenvolvimento da criança. Dialogamos com autores como Barbosa (2009), Oliveira (2008), Kramer (2002) e documentos como: RCNEIs (1998), DCNEIs (2009) ECA 1990, LDB 9394(1996). Optamos por uma pesquisa de campo de natureza qualitativa e investigativa, mais especificamente o estudo de caso de inspiração etnográfica. Fizemos uso de observações e entrevista audiovisual. Para análises dos dados, reportamo-nos aos teóricos eleitos. Observamos que a instituição considera as práticas pedagógicas e a organização do espaço como ferramentas importantes para a aprendizagem e desenvolvimento da criança. Assim, o CMEI observado busca o ideal desejado pelos profissionais, mas ainda não atende de forma adequada, visando o desenvolvimento da criança de forma integral.

Palavras-chave: Educação Infantil. Tempo- Espaço. Organização. Desenvolvimento.

ABSTRACT

The aim of this study is to discuss some changes in early childhood education, which guarantees the child's right to educational opportunities that contribute to their full development. Understanding the child as a cultural-historical subject, found in studies of Vygotsky which is important to our research notes. We try to understand to what extent the educational practices and the organization of space and time contribute to the transformation of early childhood education space, in an environment of learning and child development. Dialogued with authors like Barbosa (2009), Oliveira (2008), Kramer (2002) and documents as RCNEIs (1998), DCNEIs (2009) ACE 1990 LDB 9394 (1996). We opted for a field survey of qualitative and investigative nature, more specifically the case study ethnographic inspiration. We made use of observations and audiovisual interview. For data analysis we refer ourselves to elect theorists. We observed that the institution considers the educational practices and the organization of space as important tools for learning and development of children. Thus, the observed CMEI search for the ideal desired by professionals, but still does not meet properly in order to develop the child holistically.

Keywords : Early Childhood Education . Time -Space. Organization. Development.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	16
2.1 Desenvolvimento infantil de 0 a 5 anos.....	22
2.2 Educação Infantil.....	23
2.3 Proposta curricular na educação infantil.....	26
2.4 Modelos curriculares na educação infantil.....	27
2.5 Organização do Espaço-Tempo.....	31
2.6 Práticas Pedagógicas.....	33
2.7 Interação como recurso de desenvolvimento.....	35
3. METODOLOGIA.....	37
3.1 Conhecendo a escola.....	38
3.2 Caracterização dos sujeitos da pesquisa.....	38
4. APRESENTANDO DADOS DA PESQUISA.....	41
4.1 Organização do espaço-tempo no centro municipal de educação infantil.....	41
4.2 O que diz a equipe pedagógica quanto ao espaço do CMEL.....	47
4.3 Práticas educativas.....	48
4.4 Interação dos sujeitos observados.....	53
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS.....	58

1 INTRODUÇÃO

Durante nossa trajetória acadêmica, após leituras, debates e incursões em escolas para crianças pequenas, descobrimos o quanto a educação infantil é um momento de grande importância para o desenvolvimento e a aprendizagem da criança. Nosso interesse pela área ampliou-se ainda mais quando tivemos a disciplina de Fundamentos da Educação Infantil e fomos para os estágios supervisionados exigidos pelo currículo. Nos espaços onde desenvolvemos os estágios, tivemos a oportunidade de vivenciar e participar um pouco do cotidiano da educação infantil em duas instituições de ensino, sendo uma da rede municipal e outra da rede particular, ambas localizadas no município de Serra/ES.

Assim, a presente pesquisa buscou analisar o papel da escola e dos educadores no desenvolvimento da criança pequena, tentando identificar novas perspectivas referentes ao currículo, às práticas pedagógicas e às organizações do tempo e do espaço na educação infantil. Partimos do pressuposto de que a prática educativa deve ser facilitadora e mediadora das relações que oportunizam e estabeleçam um encontro entre a criança e a escola.

Para entender melhor o tema da nossa pesquisa, buscamos ideias, inspiração e dados em alguns trabalhos, pesquisas e teóricos próximos a nossa temática, tais como Barbosa (2009), Oliveira (2008), Kramer (2002). Procuramos aprofundar, entender e refletir sobre como tem sido desenvolvido o trabalho no espaço da educação infantil. Pensando nisso, procuramos elementos que possam contribuir para a construção do estudo sobre as práticas pedagógicas na educação infantil e no diálogo com esses autores, também compreendemos que o cotidiano da educação infantil é construído e vivido e transforma a escola em um ambiente de aprendizagem para as crianças.

Também recorremos a documentos que garantem à criança o direito à educação, entre eles podemos citar: Leis de Diretrizes e Bases (LDB 9394/96), Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI, 1998), Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEIs, 2009), Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA 1990) que garantem o atendimento na educação infantil de acordo com o projeto curricular. Pois como Silva (2009), entendemos que a educação infantil assume um significado relevante quando fundamentada em uma concepção de criança cidadã, de direitos, portanto, um sujeito atuante em sua formação e construção de seu próprio conhecimento, protagonizando seu processo de ensino e

aprendizagem. Acreditamos, dessa forma, em uma educação infantil como um espaço sócio educativo, promotor de oportunidades de construir, reconstruir conhecimentos com base nas relações com seu meio.

Do ponto de vista histórico observamos que, ao longo dos anos, a educação infantil tem estabelecido uma estreita relação com as mudanças ocorridas na sociedade, bem como a percepção do conceito de criança e de infância. Antes a família exercia um papel exclusivo na educação com as crianças pequenas, e estas, aprendiam sua cultura, costumes e regras sociais por meio da observação dos adultos de sua família, desenvolvendo, assim, sua aprendizagem.

De acordo com Oliveira (2008) os ambientes de acolhimento às crianças, eram vistos como refúgio assistencial dedicado à população infantil desprovidas de cuidados domésticos. Na busca de suporte, e embasamento para nossas reflexões e questionamentos sobre a trajetória da educação infantil. A autora segue dizendo que o espaço da educação infantil, creches e pré-escola busquem aproximar cultura, linguagem, cognição, e afetividade como elementos, voltados para o desenvolvimento humano, imaginação e da lógica, não esquecendo, da sociabilidade, afetividade e criatividade tão presentes nessa etapa do desenvolvimento.

Em consequência da Revolução Industrial, ocorrida no Brasil no século XIX, aumentou o número de oferta de emprego nas indústrias, disponibilizando assim vagas para a mão de obra feminina. Com o ingresso das mulheres no mercado de trabalho, houve a necessidade de busca por novas alternativas para o que fazer com os filhos pequenos que necessitam de cuidados. Uma das opções foi à escola que, nesse primeiro momento, mostrava-se assistencialista e se limitando, somente, em cuidados relacionados às necessidades físicas, fisiológicas e à saúde.

Hoje, é preciso que além desses cuidados de caráter “assistencialista”, onde a única preocupação era com a reprodução dos cuidados até então, oferecidos pela família, tenhamos um novo olhar, afetivo e acolhedor para as crianças, já que elas estão vivenciando o espaço na educação infantil ainda muito pequenas. Então, pressupõe-se que ocorra uma série de sentimentos e ações tais como medo, insegurança, choro e até o próprio silêncio que geralmente ocorre nesse momento vivido pela criança da educação infantil.

Tratamos também de compreender um pouco mais sobre conceito de infância e das diferentes concepções dadas ao termo nos diferentes momentos de transformação de uma sociedade. Na Idade Média não existia o conceito de infância que conhecemos hoje. A criança, desde muito cedo, era vista como um adulto em miniatura, sendo conduzida a se comportar como os adultos do seu grupo social ao qual pertencia, sendo somente provida de alguns cuidados básicos, ou seja, um olhar totalmente assistencialista, sem direito à educação, segundo (OLIVEIRA, 2008).

Barbosa (2009) diz que a infância somente existe em complementaridade ou em contraposição aos demais grupos etários que nossa sociedade produz, isto é, ela se define em relação aos jovens, adultos e idosos, tornando-a uma das categorias geracionais mais recentes. É claro que sempre houve crianças, mas elas não eram reconhecidas como grupo social, com suas especificidades e somente ao longo dos últimos anos é que a ideia de infância passa a ser vista como um período separado e diferenciado da idade adulta.

Com o passar dos anos essa visão foi sendo modificada, havendo assim um novo olhar sob a educação infantil. Após a Constituição Federal de 1988, art. 208, IV, o atendimento em creche e pré-escola passou a ser reconhecido como instituição educativa agregando a primeira etapa da educação básica, atendendo a criança de zero a seis anos de idade. Então, percebemos ser necessário repensar de maneira geral as práticas adotadas pelas escolas e pelos profissionais da educação infantil.

Com as mudanças, ocorreram alguns avanços e retrocessos no contexto da educação infantil. Alguns documentos surgiram para garantir e assegurar à criança de 0 a 6 anos o direito ao acesso a esse segmento, dando essa responsabilidade ao Estado que deve oferecer creches para as crianças de 0 a 3 anos e pré-escolas às de 4 a 6 anos de idade.

Para Kramer (2002) somente o reconhecimento em documentos não basta, é necessário que mudanças maiores ocorram:

[...] No entanto, afim de que esse reconhecimento se transforme em realidade, fazendo com que a educação pré-escolar se torne verdadeiramente pública, é necessário que haja legislação e recursos específicos, estabelecidos não só pela nova Lei de Diretrizes e Bases de Educação Nacional (1996), mas também, pelas constituições Estaduais (KRAMER, 2002, p. 18).

Segundo a LDB (1996) a educação envolve os processos de formação da criança desenvolvidos no meio familiar, no convívio em sociedade, no contato com as diversas culturas, nas instituições de ensino, entre outras. Além da LDB/1996 existem ainda outros documentos que reconhecem e asseguram às crianças da educação infantil a ter o direito a espaços que contribuem para seu desenvolvimento pleno e integral. A educação infantil tem um papel importante e fundamental no processo de desenvolvimento da criança pequena. À luz dos pensamentos de Vygotsky e Wallon, entendemos que o desenvolvimento humano não se baseia apenas em etapas biológicas, mas de um processo cultural construído ao decorrer de sua vida. Concluimos, assim, que a criança é um ser cultural, um sujeito que se encontra em pleno desenvolvimento, sendo capaz de construir sua própria história, desde que, sejam oferecidas oportunidades de interagir com o meio social.

Diante de tais transformações, a educação infantil deixa de ser somente um espaço voltado à assistência, passando a ser um espaço voltado para educação e aprendizagem. Desta forma sentimos a necessidade de buscar conhecimentos de compreender que a organização do tempo e espaço escolar na educação infantil, contribuirá para a própria construção do ser humano, tendo em vista agora uma visão voltada para a reflexão das diferentes práticas pedagógicas do cotidiano da educação infantil. Ressaltamos ainda que a forma de planejamento e de organização do tempo e do espaço escolar deve ser baseada em um projeto de trabalho, que deve partir dos interesses e das necessidades das crianças, além de interagir com elas nas atividades realizadas, nas brincadeiras livres ou dirigidas, tendo como forma de avaliação a observação e registro. Steininger (2009) e Reis (2010) ressaltam também que as reuniões pedagógicas são importantes para o planejamento e avaliação dos trabalhos exercidos.

Nossa compreensão é de que o profissional da educação infantil tem um papel de grande importância no trabalho desenvolvido com as crianças, pois é ele o mediador de todo o processo de aprendizagem, e deve estar em constante reflexão referente às práticas pedagógicas, se estão atendendo as necessidades das crianças. É preciso que o profissional tenha uma formação adequada para lidar com as diversas possibilidades e tornar o espaço da educação infantil enriquecedor, contribuindo no desenvolvimento da criança.

Segundo Oliveira (2008) o professor que se quer para as creches e pré-escolas:

Nas creches e pré-escolas, esse parceiro da criança em seu processo de desenvolvimento é o professor. Sua função é a de ser uma pessoa verdadeira, que se relacione afetivamente com a criança, garantindo-lhe a expressão de si, visto que ela precisa de alguém que acolha suas emoções e, assim, lhe permita estruturar seu pensamento. Ao responder à criança, ampliando, redefinindo e esclarecendo seus comentários, confusões e ações, o professor alimenta o pensamento infantil, propondo-lhe questões que a ajudem a consolidar as ideias que já possui e a construir hipóteses. (OLIVEIRA, 2008 p. 203).

Concordamos que o professor deve ser capaz de promover a mediação e potencializar as relações de desenvolvimento às quais as crianças estão expostas, tornando o tempo-espaço como produtor de conhecimentos. Mas também percebemos a necessidade de observar como este espaço da educação infantil está sendo organizado para que se torne um lugar que contribua favorecendo a aprendizagem e o pleno desenvolvimento da criança pequena.

Com o objetivo de compreender as atuais práticas cotidianas na educação infantil, buscamos algumas pistas que nos ajudem a ter uma visão mais ampla sobre esse universo tão complexo. Encontramos alguns autores para dar embasamento a nossa pesquisa, entre eles estão: Maria Carmem Silveira Barbosa, Sonia Kramer, Zilma de Oliveira, Maria Da Graça Souza Horn, entre outros. Acreditamos que contribuiram em nossas buscas, na tentativa de entender como se deve ou deveria ser organizado o espaço e tempo em que as crianças transitam nesse ambiente da educação infantil, como que o professor tem compreendido essa nova perspectiva educacional da escola contemporânea, que compreende o aluno como um ser pensante e participante do seu processo de aprendizagem.

Concordamos com Barbosa (2009) quando ela nos diz que é necessário revisar alguns conceitos naturalizados em nossa sociedade sobre escola, infância, conhecimento e currículo, dentre outras práticas educativas. Nesse momento estamos enfrentando o desafio social de ampliar as políticas para educação infantil, de refletir sobre as diferentes infâncias, definindo bases curriculares nacionais, de constituir pedagogias específicas para essa etapa da educação básica e de afirmar a importância do trabalho docente. Refletir o modo de realizar a formação de crianças pequenas em espaços de educação significa repensar as concepções educacionais, tendo em vista como um estabelecimento que tenha como foco a criança como opção pedagógica, ofertando uma experiência de infância.

Segundo Reis (2010) além de uma reflexão sobre a organização do tempo e espaço na educação infantil, deve-se valorizar a formação e a atuação do pedagogo, oferecendo uma educação caracterizada pelo aproveitamento pleno do potencial de aprender das crianças, não é o que ocorre, na maioria das vezes uma rotina desgastante, em que a criança realiza tarefas mecanicamente, sem compreensão, não tendo participação da criança no seu processo de elaboração.

Diante desta realidade, entendemos que há a necessidade de discutir a importância da organização do espaço escolar no processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças, hoje empobrecidas quanto aos materiais utilizados, à decoração das salas, as possibilidades de interação entre as crianças, e quanto à falta de desafios físicos e cognitivos delas. Assim percebemos também e concordamos com Falco (2009) que afirma como isso pode facilitar e orientar nas práticas educativas atuais. Com isto apostamos na organização do tempo e do espaço enquanto materialidade ofertada, que pode, sim, favorecer a aprendizagem das crianças, como afirmam os autores que amparam nossas reflexões.

Diante dessa realidade, fica a interrogativa: **sendo a Educação Infantil um momento de grande importância para a criança, como esse espaço-tempo está sendo contemplado nas práticas pedagógicas como elementos do desenvolvimento e da aprendizagem infantil? E qual o papel do professor no processo de aprendizagem das crianças da Educação Infantil?**

Na busca de respostas de como deve, ou deveria ser o espaço da educação infantil tornando-o como espaço de desenvolvimento e aprendizagem, buscamos através de pesquisa de campo, suporte na investigação de ações que possam contribuir para que esse momento possa ser cada vez mais proveitoso para a criança da educação infantil.

Para tanto, definimos como objetivo geral deste estudo **investigar** as práticas pedagógicas desenvolvidas no contexto de uma escola de educação infantil. Como processo, para atingir nosso objetivo geral, também elegemos alguns objetivos específicos que nos orientariam em nossa jornada, entre eles: **analisar** as práticas pedagógicas existentes na escola de educação infantil; **observar** a organização do espaço e do tempo na educação infantil; e **analisar** os conhecimentos abordados no currículo da escola de educação infantil.

De posse desse planejamento, partimos em busca de leituras para aprofundar e fundamentar essas questões, e assim, compreender a importância da organização do tempo e espaço na educação infantil e como torná-lo uma ferramenta pedagógica facilitadora para desenvolver ações contribuindo para uma aprendizagem rica e autônoma, oportunizando um encontro real entre as crianças e a escola.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Antes de iniciarmos nossa incursão pela leitura científica na área da educação infantil, concordamos que seria necessário resgatar um pouco da história dessa etapa da escolarização. Assim, retomamos textos e documentos que nos ajudam entender o percurso e a trajetória dessa modalidade de ensino.

Do ponto de vista histórico, percebemos que ao longo dos séculos a família tinha a responsabilidade exclusiva de educar a criança, e esta aprendia sua cultura, costumes e regras da sociedade através da observação dos adultos de sua família.

Oliveira (2008, p. 43) afirma que:

A creche, historicamente vista como um refúgio assistencial para a população infantil desprovida de cuidados domésticos, tem definido devidamente a infância como uma questão de ordem privada e não tem considerado devidamente a comunidade maior como corresponsável pela educação dos pequenos.

Já na sociedade contemporânea a criança tem a oportunidade de conviver com diversos contextos da sociedade, ampliando assim significativamente seu desenvolvimento e possibilidades de conhecimento do mundo, tornando o ambiente escolar da educação infantil um local propício ao aprendizado e apto a potencializar o aprender das crianças. Oliveira (2008) propõe que a educação infantil busque aproximar cultura, linguagem, cognição e afetividade como partes fundamentais para o desenvolvimento humano. Com essa visão buscamos compreender os processos envolvidos nesse contexto educacional para que ocorram melhorias nas práticas educativas exercidas na educação infantil.

Quando se trata de educação infantil algumas crianças apresentam diversas dificuldades entre elas. Por isso, é necessário tratar de forma individual proporcionando à criança uma segurança para as novas situações que lhe estão sendo oferecidas. Dessa forma, poderiam ser evitados comportamentos comuns no ambiente da educação infantil, como medos, ansiedades e insegurança. O professor deve entender que esse momento faz parte desse processo de

aprendizagem do aluno e ele pode promover situações que tornem esse momento mais tranquilo para ambas as partes.

Para entender e tecer considerações acerca desse e outros questionamentos, identificamos na literatura científica na área, pistas sobre o atual papel do professor da educação infantil diante dessa nova perspectiva educacional da escola contemporânea, que compreende o aluno da educação infantil como um ser pensante e participante do seu processo de aprendizagem.

Segundo Kramer (2002), o professor deve ser desafiador criando “dificuldades” e “problemas”, fazendo com que o espaço e tempo da educação infantil, não sejam somente um passatempo, e sim um espaço criativo, permitindo a diversificação e ampliação dos conhecimentos, os quais já trazem de suas experiências infantis, despertando a iniciativa, a curiosidade da criança, promovendo sua autonomia tornando-a capaz de encontrar sozinhas as respostas para suas indagações. Assim, podemos entender que dentro do processo de ensino aprendizagem da educação infantil, a escola exerce um papel determinante para o desenvolvimento do aluno.

A inclusão, a partir da Constituição Federal de 1988, de creches e pré-escolas no sistema de ensino, formando com o Ensino Fundamental e o Ensino Médio a Escola Básica, apesar de já ter provocado avanços na área de educação infantil, como a elevação do nível de formação dos seus educadores, necessita de instrumentos que articulem o trabalho pedagógico realizado ao longo destas etapas, sem impor o modelo de uma etapa à outra. Nessa posição se colocam as novas Diretrizes Curriculares Nacionais da educação infantil (DCNEIs) aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação em 2009 (Parecer CNE/CEB nº 20/09 e Resolução CNE/CEB nº 05/09), que representam uma valiosa oportunidade para se pensar como e em que direção atuar junto às crianças a partir de determinados parâmetros e como articular o processo de ensino-aprendizagem na Escola Básica. (OLIVEIRA. 2010, p.01).

Percebe-se que até pouco tempo não existia uma visão referente à sistematização e a relevância dessa faixa etária de 0 a 6 anos. Entendia-se que a criança pequena necessitava apenas de cuidados como alimentação, higienização e recreação, sem ter nenhuma preocupação com seu desenvolvimento e aprendizado. Hoje, entendemos que o espaço escolar na educação infantil deve ser norteador dos saberes e fazeres das crianças, tornando o papel

da escola e dos professores facilitadores e mediadores do processo ensino-aprendizagem da criança pequena ainda mais relevante.

Encontramos em nossa pesquisa e leituras indícios importantes que caracterizam a trajetória legal da educação infantil, no ano de 1947 verifica-se o primeiro decreto, consolidando leis especiais, voltado para essa etapa da educação, com objetivo inicial de atender os filhos de operários. De acordo com artigo 130 desse decreto era oferecido escolas maternais e jardins de infância, proporcionando às crianças na primeira infância a oportunidade de desenvolvimento, ocorrendo de forma harmoniosa, próximo ao seu ambiente familiar. Esse decreto prevaleceu até o ano de 1961.

Na Lei de Diretrizes e Bases no ano 1961, previa um estímulo às empresas que tinha operários com filhos menores de sete anos que por iniciativa particular, ou com ajuda do poder público, mantinham instituições de educação pré-escolar. Na década de 70 passa-se a atender um público menos favorecido, assegurados pela lei 5692/71 que garante no parágrafo 2º “Os sistemas de ensino velarão para que a criança tenha possibilidade de ingressar no ensino de primeiro grau com menos de sete anos de idade”.

Entre 1972 a 1976 houve uma preocupação com a Educação Infantil, entendendo agora como um período rico, destacando suas finalidades, objetivos e pareceres à educação, havendo também uma preocupação referente à preparação dos professores de educação infantil. Nos anos de 1980 o atendimento da criança na educação infantil é reconhecido e inserido nas leis que regem nosso país, sendo assegurado na nova constituição Federal do Brasil (1988) que é dever do Estado o atendimento em creches e pré-escolas às crianças de 0 a 6 anos de idade.

Já em tempos atuais, a LDB 9394/96 apresenta informações importantes quanto aos direitos da criança à educação infantil. Segundo a Lei 9394/96 estabelece novas regras de funcionamento para a educação infantil, introduzindo como primeira etapa da educação básica do ensino fundamental.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB Brasil, 1996), refere-se à educação infantil na sessão II nos Artigos 29; 30; e 31 dizendo que:

Art. 29º. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em

seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Art. 30º. Diz que a educação infantil será oferecida em: creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; II - pré-escolas, para as crianças de quatro a seis anos de idade.

Art. 31º. Que na educação infantil a avaliação faz-se - á mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental.

É importante destacar também o Plano Nacional de Educação (PNE-BRASIL, 2001) que tem por objetivo a ampliação do atendimento na educação infantil e que prevê também a extensão da escolaridade obrigatória de seis anos de idade, que seja na educação infantil, ou no ensino fundamental, refletindo em uma ampliação de acesso a educação às crianças pequenas, demanda esta que vem crescendo de forma bastante acelerada, reflexo de uma necessidade cada vez maior das famílias em ter um espaço que lhes atendam nos cuidados e na educação de seus filhos, de forma que promova desenvolvimento na criança durante essa etapa de sua vida.

Em 2010, através de Projeto de Lei cria-se o novo Plano Nacional de Educação (PNE-BRASIL, 2010) que entrou em vigor a partir de 2010 a 2020, apontando algumas metas e estratégias específicas de concretização, buscando atender a todos os níveis de ensino. Esse documento direciona como metas para a educação infantil “universalizar, até 2016, o atendimento escolar da população de 4 e 5 anos, e ampliar, até 2020, a oferta de educação infantil de forma a atender a 50% da população de até 3 anos.”

Diante de tais documentos nota-se que o papel da educação infantil é dar suporte a criança para que ela construa um conhecimento em sociedade, sendo mediador no processo de aprendizagem, dando a oportunidade da criança de fazer parte desse processo. Entende-se também que o educador tem papel fundamental nesta faixa de idade, é ele que contribui para que o conhecimento chegue até a criança. Hoje em dia além de ensinar os professores também estão sendo encarregados de exercer diversas funções na sala de aula no que se refere ao buscar o conhecimento, a educação infantil hoje é a janela para o mundo da criança.

Sendo assim, entendemos que a educação infantil é uma etapa relevante na medida em que proporciona à criança desenvolver-se integralmente em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectuais e sociais.

Observamos em nossa pesquisa que para a educação infantil efetivar-se como etapa básica da educação foi necessário que algumas concepções filosóficas, sociais e psicológicas fossem debatidas e se transformassem em políticas públicas. A partir dessas discussões, foram desencadeadas propostas e práticas que potencializaram a efetivação da educação infantil em um contexto de desenvolvimento e aprendizagem. Sobretudo as concepções de infância e de criança foram tensionadas e entendidas como questões necessárias para a melhor compreensão de nossa temática.

Diferentemente de alguns séculos atrás, quando a criança era vista como um ser sem importância, e quase imperceptível, hoje temos um novo olhar no que se refere a uma visão de infância. Entendemos que esta é uma fase de extrema importância para a formação do sujeito, inserido na sociedade. A criança agora não só participa do seu próprio desenvolvimento, como também das reproduções e das transformações desta etapa. Segundo Áries *apud* Soares (2009) o sentimento de infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças corresponde à consciência da particularidade infantil, essa que distingue essencialmente a criança do adulto.

Para compreendermos melhor as concepções de infância por trás das propostas curriculares para a infância, recorreremos a diferentes leituras, mas primeiro, fomos encontrar pistas sobre as concepções existentes, nas definições existentes.

De acordo com o dicionário Junior, Mattos (2011) a palavra infância traz como significado, “o período do desenvolvimento humano, do nascimento até a adolescência cerca dos 12 anos”. A concepção de infância vem sendo construída e modificada de acordo com as mudanças ocorridas em nossa sociedade, sendo assim, não se apresentam de forma homogênea, podendo existir diferentes formas de considerar às crianças, levando em consideração a classe social e grupo em que se relacionam.

Para aprofundar nossa análise, fomos às fontes históricas e recuperamos alguns dos caminhos percorridos ao longo dos séculos. Encontramos a família como o primeiro espaço em que a criança se vê e se reconhece como sujeito. A família atribuía-se o papel de garantir a sobrevivência e o desenvolvimento da criança, acolhendo-a e mediando o seu contato com a sociedade. Dessa forma, oportunizando novos conhecimentos, acesso à cultura e aos valores éticos e culturais, construindo suas marcas entre as gerações.

De acordo com RCNEI (Brasil, 1998, v. 1, p. 21).

A criança como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca. A criança tem na família, biológica ou não, um ponto de referência fundamental, apesar da multiplicidade de interações sociais que estabelece com outras instituições sociais.

Encontramos alguns teóricos que apoiam nossa discussão sobre essa temática, Cória Sabine (2001) aponta o conceito de infância como um período especial do desenvolvimento, em que o indivíduo deve ser cuidado, protegido e supervisionado.

Na visão de Kramer (2005) a infância é colocada como uma etapa em que a criança é vista como sujeito social, criadora de sua própria cultura, completa dizendo que sendo assim cruciais para delinear à outra ótica, no que se trata infância vendo a criança sendo concebida na condição de sujeito histórico que não só aprende, mas que também produz o seu próprio conhecimento e cultura.

A infância é a fase da vivência e percepção do mundo a partir do olhar, tocar, saborear, sentir e agir, é o período da vida humana que vai do nascimento ao início da adolescência por volta dos 12 anos de idade. Tudo isso faz parte do universo do cotidiano infantil em todo seu contexto. Viver a infância é brincar, correr, pular, gritar, cantar... é não se cansar de ser criança. É sempre ter ao lado, adultos responsáveis para cuidar e orientar este ser em formação para a vida adulta. Hoje encontramos os mais diversos documentos que asseguram os direitos da criança à educação infantil, entre eles a LDB 9394/96 e o ECA (1990).

2.1 DESENVOLVIMENTO INFANTIL DE 0 A 5 ANOS

Concordamos que criança tem sido fonte de estudos e pesquisas, e estas nos aponta a importância dos primeiros anos de vida com relação ao seu desenvolvimento. Dessa forma sentimos a necessidade de falar do próprio desenvolvimento humano, pois é nesta fase que a criança adquire experiências e a formação de toda estrutura que influenciará em sua vida futura. Isso significa pensar na necessidade de um atendimento nos espaços de educação infantil onde essas crianças tenham contato com as diversas possibilidades de desenvolvimento e construção de conhecimento educacional e pedagógico. Vale ressaltar que isso não descarta a função também de cuidados com a alimentação, higiene das crianças pequenas.

De acordo com os pensamentos do filósofo Aristóteles, acreditava-se que a criança pequena assemelhava-se a uma folha em branco, um sujeito que não possui conhecimento prévio de vida tão pouco de mundo, ao nascermos somos uma tábua rasa em branco sem qualquer conhecimento, entendendo que se constitui o verdadeiro conhecimento a partir das sensações primordiais, ou seja, o que vem primeiro.

Desde o seu nascimento, a criança passa por diversas fases em seu desenvolvimento. De acordo com a DCNEIs (2009) a criança se torna centro do planejamento curricular, onde é considerada: Um sujeito histórico e de direitos. Ela se desenvolve nas interações, relações e práticas cotidianas a ela disponibilizadas e por ela estabelecidas com adultos e crianças de diferentes idades nos grupos e contextos culturais nos quais se insere. A maneira como ela é alimentada, se dorme com barulho ou no silêncio, se outras crianças ou adultos brincam com ela ou se fica mais tempo quietinha, as entonações de voz e contatos corporais que ela reconhece nas pessoas que a tratam, o tipo de roupa que ela usa, os espaços mais abertos ou restritos em que costuma ficar, os objetos que manipula, o modo como conversam com ela, etc. – são elementos da história de seu desenvolvimento em uma cultura. (OLIVEIRA, 2010 p.5).

Do ponto de vista de Oliveira, (2008) ao longo de muitos séculos, o cuidado e a educação das crianças pequenas foram entendidas como tarefa de responsabilidade familiar. Podemos apontar no contexto histórico da educação, duas instituições extremamente importantes e que sempre teve responsabilidade no desenvolvimento da criança: a família e a escola. A escola é um espaço destinado à escolarização, mas que também contribui para o desenvolvimento da criança integralmente.

Segundo Martins (1997), baseado na abordagem histórico-cultural, sobretudo nos estudos de Vygotsky¹, o desenvolvimento humano se dá na interação com o meio, sendo assim a importância da relação e trocas de experiências entre as crianças. O autor continua dizendo que Vygotsky desenvolveu estudos sobre o desenvolvimento da criança que tem como pressuposto básico a ideia de que ser humano constitui-se na sua relação com o outro, a cultura torna-se parte desse processo de desenvolvimento, formando e moldando o funcionamento psicológico do sujeito, no caso a criança. Desta forma, cada criança constrói o seu conhecimento e formula suas hipóteses de maneira muito particular, ou seja, em ritmos diferenciados umas das outras.

Pensando na importância da educação infantil e sua contribuição para o desenvolvimento e aprendizagem da criança, sentimos necessidade de nos aprofundarmos fazendo uma reflexão sobre os limites e as possibilidades que este cenário pode oferecer.

Desse modo, passamos a apresentar alguns pontos importantes pelos quais a educação infantil tem percorrido.

2.2 EDUCAÇÃO INFANTIL

Retomando a história da educação infantil, percebemos que durante um longo período, não houve instituições com responsabilidades sobre a criança, ao que se refere à educação pré-

¹ De acordo com a literatura consultada optamos por essa ortografia ao utilizar o nome do autor Vygotsky, que manteremos durante todo o nosso texto.

escolar, quanto à sua sistematização pedagógica. As instituições eram vistas como ambientes de acolhimento oferecendo alimentação, higienização, e recreação, não existindo um pensamento referente ao seu desenvolvimento integral.

Podemos considerar que a educação infantil é uma fase de extrema importância no desenvolvimento da criança, conforme podemos destacar:

O ingresso na instituição de educação infantil pode alargar o universo inicial das crianças, em vista da possibilidade de conviverem com outras crianças e com adultos de origens e hábitos culturais diversos, de aprender novas brincadeiras, de adquirir conhecimentos sobre realidades distantes. Dependendo da maneira como é tratada a questão da diversidade, a instituição pode auxiliar as crianças a valorizarem suas características étnicas e culturais, ou pelo contrário, favorecer a discriminação quando é conivente com preconceitos, (RCNEI, vol.2 p.13).

Para Oliveira, (2008) a creche e a pré-escola não é um meio de compensar o atendimento de assistência familiar e nem para preparar a criança para o ensino fundamental e sim para contemplar o pleno desenvolvimento da criança em todos os seus aspectos.

Também a LDB, (1996) aponta a importância da educação infantil como primeira etapa da educação básica, reafirmando ainda que, deve complementar o papel da família no que diz respeito à formação da criança. Esse reconhecimento foi uma grande conquista na contribuição para a aprendizagem das crianças.

Concordamos com Dias (2005) quando diz que a educação infantil tem como objetivo proporcionar a criança pequena o seu pleno desenvolvimento, sendo assim essa fase é de grande importância, porque ela serve como alicerce para o conhecimento que a criança irá adquirir no decorrer de sua vida, caso seja frustrante, pode vir a comprometer todo o desenvolvimento afetivo, escolar e social.

O ingresso da criança pequena na vida escolar desde cedo contribui favorecendo as relações sociais, uma vez que ela passa pela fase do egocentrismo que ocorre por volta dos dois anos de idade, a partir desse momento a criança começa a ter mais clareza quanto à ideia da

existência do outro, tornando a escola de educação infantil o local para o contato com outras crianças proporcionando envolvimento, ideias de coletividade e de companheirismo. Já que hoje a estrutura familiar em sua maioria se constitui em apenas um filho, não dando a oportunidade dessa criança a conviver com outras crianças no ambiente familiar. Neste caso o local mais apropriado para o contato com outras crianças é a escola, propiciando envolvimento, companheirismo e ideias de coletividade. De acordo com o RCNEI:

O desenvolvimento da capacidade de se relacionar depende, entre outras coisas, de oportunidades de interação com crianças da mesma idade ou de idades diferentes em situações diversas. Cabe ao professor promover atividades individuais ou em grupo, respeitando as diferenças e estimulando a troca entre as crianças. (RCNEI, 1998 vol.2 p.32)

Assim, entendemos a importância da interação da criança desde cedo com ambientes diversos onde possam desenvolver seus próprios meios de comunicação com o mundo.

Até recentemente a educação infantil era vista de forma assistencialista, mas com as mudanças ocorridas na educação a partir da década de 70, e ainda pelo fato de que a educação de crianças pequenas passa a ser reconhecida na LDB 9394/96 art. 29 que aponta a finalidade desta como:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem por finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Desta forma será necessário repensar sobre o atendimento que se tem oferecido nas instituições de educação infantil. Para Kramer, (2002) o trabalho pedagógico deve favorecer o desenvolvimento infantil e a aquisição de conhecimentos. A autora ainda segue dizendo que:

A fim de que essa função se efetive na prática, o trabalho pedagógico precisa se orientar por uma visão das crianças como seres sociais, indivíduos que vivem em sociedade, cidadãos e cidadãs. Isso exige que levemos em consideração suas diferentes características, não só em termos de história de vida ou de região, mas também de classe social, etnia e sexo. (KRAMER, 2002 P.19)

Isso implica o reconhecimento das crianças como seres sociais valorizando suas diferenças, para que sua inserção no grupo seja construtiva, desenvolvendo sua autonomia, solidariedade e cooperação.

Segundo Oliveira (2008) a escola de educação infantil deve atuar como transmissora de conhecimento, elaborados de forma significativa, através de relações sociais presentes. Isso deve ser feito de forma continuada, expressando sentimentos e vivências dos alunos, aproveitando conhecimentos já existentes, recordações, fenômenos da natureza, entre outras possibilidades. Dessa forma, a criança passa a ter um novo olhar do mundo, observando detalhes antes não percebidos por ela. Isso ocorre através de experiências vividas na família, na comunidade escolar e social.

Hoje, na educação infantil são centralizadas suas intenções na garantia do direito e bem estar da criança, mas também como oportunidade de aprendizagem significativa respeitando cada etapa do desenvolvimento. Segundo Piaget (*apud* DAVIS, 1994) cada etapa define um momento de desenvolvimento o qual a criança constrói certas estruturas cognitivas.

2.3 PROPOSTA CURRICULAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Durante muito tempo, as instituições infantis, organizavam seu espaço escolar em função de ideias de assistência. Mas diante das mudanças ocorridas são necessárias discussões a respeito das práticas desenvolvidas nesses ambientes.

De acordo com as Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil (DCNEIs, 2009) a proposta curricular deve destacar a necessidade de estruturar e organizar ações educativas com qualidade, articulada com a valorização do papel dos professores que atuam junto às crianças de 0 a 5 anos. Diante disso entendemos que esses profissionais da área de educação infantil são desafiados a construir propostas pedagógicas em que no seu cotidiano, de voz às crianças e as acolham de forma significativa ao mundo e a si mesma.

Dessa forma compreendemos que o currículo não deve ser apenas uma listagem de conteúdos disciplinares sem contextualização com o cotidiano vivido pelos alunos da educação infantil. Concordamos com Barbosa quando diz que:

[...] o currículo acontece na participação das crianças nos processos educacionais, que envolvem os momentos de cuidado físico, a hora de contar e ouvir histórias, as brincadeiras no pátio ou na sala, a hora de cantar e garatujar, ou seja, estar continuamente em ação. (BARBOSA, 2009 p.50)

Barbosa (2009) segue dizendo que o professor deve observar e compreender sua ação, seu pensamento, não se restringindo a transmitir uma informação, mas propõe desafiar a criança a continuar pensando. Deve-se ainda promover um ambiente lúdico promovendo a construção não só de conhecimento, mas também de cultura.

O currículo propõe muitos desafios, percebe-se que as vivências ensinam muito mais que os planos explicitados e programados. Barbosa aponta que o currículo acontece quando:

[...] concretiza e dinamiza a aprendizagem apenas quando as experiências pedagógicas são envolventes e constituem sentido. Para aprender é preciso que as necessidades das crianças, seus desejos, isto é, as suas vidas entre em sintonia com saberes e conhecimentos das culturas onde estão inseridas. (BARBOSA, 2009 p. 51).

A autora conclui que apesar das contribuições que o currículo pode trazer para o desenvolvimento dos alunos da educação infantil, muitos profissionais ainda insistem trabalhar o com um currículo pronto, sistematizado nas ações educativas, tornando o professor apenas um aplicador de algo que já foi elaborado, não valorizando as vivências como uma nova proposta curricular, tendo apenas como produção, organização e registro de suas práticas pedagógicas.

2.4 MODELOS CURRICULARES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Entender a educação infantil como um ambiente de aprendizado, ainda é algo novo, por isso buscamos, na literatura científica da área, modelos que sirvam para esse nível de ensino

existente para nos aprimorar nas concepções de infância, criança, sociedade, educação, desenvolvimento, aprendizagem e enfim educação infantil.

De acordo com Portes (2010) “Falar sobre futuro em educação é algo fundamental. Não podemos desempenhar nossa missão de educadores sem estarmos permanentemente atentos ao futuro, pois é nele que se notarão os reflexos de nossa ação” (D’AMBRÓSIO, 1993, 48).

Nessa perspectiva, o autor aponta a necessidade da revisão curricular, a reorganização dos sistemas escolares, visando à instrumentalização do aluno facilitando sua socialização. Ainda baseado nas ideias de Dewey, o educador espanhol Fernando Hernández aponta como proposta a reorganização do currículo por projetos, em vez das tradicionais disciplinas.

Existiram vários modelos de currículo na educação infantil, cada um deles deixou e deixa sua contribuição para a construção de uma educação que promova desenvolvimento e aprendizagem á criança pequena.

De acordo com Lopes e Macedo, (2011 p. 21) nos modelos tradicionais as escolas eram vistas como ambientes determinados a preservar a hegemonia cultural de uma determinada civilização, através dela era passada a maneira pela qual um sujeito deve-se comportar perante a sociedade, valores, normas entre outras coisas. Diante dessa perspectiva, o currículo tinha como meta garantir os mais favorecidos, o conhecimento mantendo a estes o status social, quanto aos imigrantes e filhos de negros, os saberes eram voltado à manutenção de ordem social e qualificação para o trabalho.

Segundo Formosinho, (1998 p.95) podemos destacar entre alguns modelos de currículo, entre eles o modelo italiano Reggio Emilia, sendo uma referência na educação da infância, por fundamentar-se nas relações, interações e cooperações, valorizando o trabalho em equipe.

Na perspectiva de uma escola com o modelo curricular Régio Emilia, que surgiu após a Segunda Guerra Mundial na cidade com o mesmo nome, localizada ao Norte da Itália, refere-se a uma instituição pertencente ao sistema de atendimento municipal, e tem como ênfase o trabalho centrado na comunidade, onde os professores e família formam uma grande equipe, com objetivo de oferecer uma educação de qualidade.

Esse modelo de currículo representa uma construção progressiva de conhecimento sobre a educação pré-escolar através das ações e reflexões sobre os diversos níveis: o da criança, a do educador, e de todos envolvidos na construção da ação educativa. Desse modo percebemos a importância da aprendizagem pela ação tendo como elemento importante à rotina, planejar, fazer, rever, trabalho em equipe, experiência, espaços, materiais e envolvimento com as famílias.

Dessa forma a educação pré-escolar se estabelece e dependem daquilo que se pensa ser o mundo, o homem, a vida, a criança, a aprendizagem e o desenvolvimento, mas dependem também do momento histórico e do contexto social e cultural.

De acordo com Lino, (1998) esse modelo curricular deve ser destacado, pelo fato de dar ênfase e ter como fundamento as relações, interações e cooperação tendo como base a dimensão de organização do espaço, organização do tempo, o papel do adulto como educador, trabalho em equipe, e trabalho de projeto.

A abordagem curricular em Reggio Emilia refere-se à **organização do espaço e tempo**, como grande contribuidor e como isso reflete nas ideias, valores, cultura e atitudes de todos que nele trabalham. Propõe que a organização do espaço e tempo seja feita de forma a proporcionar a criança pequena oportunidades de estabelecer diversos tipos de interações através de diversas atividades e brincadeiras podendo ser sozinhas ou em pequenos grupos. O educador exerce o papel de planejar uma rotina que promova o equilíbrio entre as atividades.

O papel do adulto (educadores, pais e pedagogos) é fundamental. Todos devem estar sempre presentes sem serem intrusos, têm o papel de apoiar as dinâmicas cognitivas e sociais que ocorrem no ambiente escolar, devem ser promotores da aprendizagem cognitiva, social, física e afetiva através de ambientes ricos e estimulantes com materiais e equipamentos diversos que promovam às crianças pequenas experiências que vão ao encontro as suas reais necessidades de aprendizado sendo elas individuais ou de grupo.

Destaca ainda a importância do **Trabalho em equipe**, sendo necessário que haja um grande empenho de todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem da criança de educação infantil. O trabalho em equipe é uma ferramenta fundamental, somente assim é possível melhorar a qualidade de interação entre adultos e crianças desenvolvendo uma

interação afetiva entre todas as partes envolvidas. Dessa forma é possível buscar melhores resultados através das análises, buscar novas formas de pensar, aperfeiçoando suas competências referentes às práticas nos trabalhos com as crianças.

Não podemos deixar de mencionar a contribuição do **Trabalho de projeto**, o quanto estimula nas crianças o interesse por assuntos do cotidiano e da cultura dos envolvidos, sendo resultado da colaboração de todos, que se juntam para estudar, investigar uma determinada temática de interesse comum, podendo ser desenvolvido em pequenos e grandes grupos, podendo se estender por toda escola.

O projeto pode durar dias, semanas ou meses, isso vai depender do nível de interesse dos alunos, esse trabalho proporciona a criança pequena aprofundar e a perceber o sentido dos acontecimentos e os fenômenos que ocorrem no ambiente que as rodeiam, podendo descobrir e tirar suas próprias conclusões. É necessário que todos tenham oportunidade e tempo para observar investigar, e levantar suas próprias hipóteses.

Assim entendemos que para falar de um modelo de currículo na educação infantil precisamos pensar que, existem diferentes perspectivas curriculares, é impossível dizer que em escola há apenas uma única perspectiva, nesse caso cabe ao educador saber lidar com essa diversidade, extraindo e absorvendo a melhor de cada um desses modelos formas e metodologias para incorporar em seu planejamento e práticas educativas.

Concordamos com o educador espanhol Fernando Hernández que lança um novo olhar sobre as práticas desenvolvidas na educação infantil, e traz como proposta a Pedagogia de Projetos visando à ressignificação do espaço escolar, transformando-o em um espaço vivo de interações, aberto ao real. Segundo o autor o desenvolvimento de projetos tem como objetivo tornar a aprendizagem ativa, interessante, significativa, real e atrativa para o aluno.

2.5 ORGANIZAÇÃO ESPAÇO-TEMPO

Antes de falar sobre a organização do espaço na educação infantil, sentimos a necessidade de definir as diferenças entre o conceito de espaço e de ambiente que vamos utilizar no decorrer do nosso texto. O espaço refere-se a algo mensurável, ou seja, algo que se pode medir, no entanto, pode tornar-se ambiente quando são reformulados pelo ser humano de acordo com sua criatividade, experiência, vivência e cultura. Dessa forma, ambiente/espaço são indissociáveis, um não se constitui sem o outro.

Segundo Lima, 1989 (apud BARBOSA, 2006 p. 119) chama a atenção sobre a noção de espaço e ambiente, que deve ter uma visão de inseparabilidade, mas não de igualdade, afirma que o espaço físico pode resultar em diferentes ambientes.

As observações sugerem, portanto, que o espaço físico isolado do ambiente só existe na cabeça dos adultos para medi-lo, para vendê-lo, para guardá-lo. Para a criança existe o espaço alegria, o espaço medo, o espaço proteção, o espaço sensações e, a partir da sua riqueza e diversidade, ele desafia permanentemente aqueles que o ocupam. (BARBOSA, 2006 P. 19)

Pensar na organização do espaço no cotidiano da educação infantil é refletir na construção de um espaço com um trabalho voltado para o pedagógico tornando-o educativo e significativo. O trabalho pedagógico deve ser planejado de maneira que favoreça o desenvolvimento de ações educativas favorecendo momentos prazerosos para as crianças.

Quando se pensa no espaço de educação infantil, percebe-se que o principal desafio é garantir o compromisso com a infância na organização da vida cotidiana, fundamentada na participação democrática. Ou seja, preocupar-se em organizar espaços pedagógicos em que as crianças se sintam seguras, baseando-se em práticas e respeitando as especificidades de cada criança.

De acordo com Gandini, (apud BARBOSA, 2006 p.124) a organização do espaço na educação infantil, é primordial, tornando-se um outro educador. Quanto mais organizado o

espaço com diferentes arranjos, se tornará mais desafiador possibilitando maior aprendizagem e auxiliando a autonomia da criança. A autora propõe que o espaço seja transformado em um ambiente agradável. Para isso é necessário conhecer os sujeitos envolvidos no processo, levando em conta que cada uma tem sua identidade própria.

Buscando aprofundamento na literatura sobre educação infantil, percebem-se diferentes concepções que norteiam as ações pedagógicas desenvolvidas nas instituições de ensino nesta etapa de educação. Durante muito tempo este espaço era considerado neutro, onde a única preocupação era atender as crianças em seus aspectos fisiológicos, oferecendo assistência relacionada somente aos cuidados.

Pensando no espaço da educação infantil como um espaço educador na perspectiva atual, a autora aponta que seja:

Um ambiente seguro, limpo e confortável, propicia a privacidade, o movimento, o aconchego, o conforto, a atividade, o descanso a exploração minuciosa, a autonomia, o encontro entre parceiros de várias idades, a vivência de seus medos, frustrações e conflitos, enfim, das múltiplas dimensões que constituem e ser humano. (BARBOSA, 2009 p.93)

O espaço além de estar adequado, é fundamental que as crianças possam usufruir de forma participativa, favorecendo a interação entre elas.

De acordo com que nos aponta Oliveira, (2008) o professor deve estar atento à organização dos ambientes de aprendizagem como um recurso pedagógico. O ambiente deve ser organizado de forma significativa, com criatividade, mesmo que esse não ofereça condições, é preciso que o professor crie condições para que se torne em um ambiente alegre e que transmita tranquilidade, segurança, autonomia, estimulando assim a exploração do interesse da criança para a aprendizagem.

O espaço deve ser organizado de acordo com a proposta pedagógica e coerente com o objetivo que temos. É importante que o ambiente não seja somente um espaço de qualidade que diz respeito a características psicofísicas como fornecer, arejamento, iluminação, conforto, número de crianças por sala, quantidade de mobiliário e equipamentos. É necessário que o professor pense em diferentes formas de organização onde a criança seja o

centro das atenções, podendo não somente estar restrito a sala de aula, mas também a exploração de espaços externos da instituição. Muitas vezes a falta de organização impede a movimentação das crianças e a interação entre elas, promovendo brigas e outros comportamentos que acabam sendo considerados como indisciplina.

Dessa forma é importante refletir sobre a qualidade dos espaços planejados e o trabalho educacional dentro da educação infantil. Para Guimarães (2009) hoje é possível entendermos como a possibilidade de investimento na expansão da criança em suas múltiplas dimensões: emocional, sensorial, motora, mental e sócio afetiva.

É importante que o espaço apresente a organização do mundo, reproduções de obras de texto livros que favoreça que as crianças experimentem situações expressivas diversas, que provoque o desejo e a necessidade de aprender. Efetivamente o espaço de trabalho pode promover criatividade e diversificação das possibilidades expressivas, sensoriais, emocionais das crianças.

Assim, podemos concluir que, para os autores pesquisados, a organização do espaço de maneira adequada atendendo as especificidades das crianças, contribuirá para o pleno desenvolvimento.

2.6 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Mudanças sociais e um novo olhar sobre a educação infantil trazem para o centro das discussões pedagógicas a necessidade de uma educação voltada para o desenvolvimento integral da criança, visando abranger seus resultados além da sala de aula. Entretanto, existem divergências em relação ao que se entende como desenvolvimento integral, uma vez que as práticas pedagógicas tendem a enfatizar determinados aspectos do desenvolvimento.

Consideramos necessário aqui uma breve explanação sobre nossa escolha pela expressão práticas pedagógicas, em especial na educação infantil. Elegemos e nos apoiamos teoricamente na perspectiva crítica de currículo, mais especificamente nos estudos de G. Sacristán (1999) e em suas investigações sobre práticas pedagógicas.

Sacristán, ao trazer para a discussão a relevância do currículo e, conseqüentemente, das práticas pedagógicas que gravitam em seu entorno, lembra-nos de que “[...] analisar currículos concretos significa estudá-los no contexto em que se configuram e através do qual se expressam em práticas educativas e em resultados” (SACRISTÁN, 1999, p.15).

Para Sacristán (1999), o currículo é o cruzamento de práticas diferentes e se converte em configurador, por sua vez, de tudo o que podemos denominar como prática pedagógica nas aulas e nas escolas.

Antes de adentrar nas propostas do referido autor, a fim de compreendermos as práticas pedagógicas ou o currículo praticado em sala de aula ou no AEE, investigamos o conceito de prática.

Segundo Ferreira (2008), prática, “substantivo feminino, significa a) ato ou efeito de praticar; b) uso, experiência, exercício; c) rotina; hábito; d) saber provindo da experiência; técnica e; e) aplicação da teoria”. Em nosso entendimento, prática refere-se a uma intenção de ação e/ou a um conjunto de atividades desenvolvidas por sujeitos específicos; também envolve rotina, experiência, conhecimento. Na educação, apostamos que ela envolve intenções, planos, estrutura, conhecimento, cultura, significado, objetivos, procedimentos.

Para além de uma atividade com intencionalidade pedagógica, Sacristán (1999) vai longe ao analisar o conceito de prática educativa, e nos diz que:

A prática educativa é algo mais do que a expressão do ofício dos professores, é algo que não lhes pertence por inteiro, mas um traço cultural compartilhado [...], mas as compartilha com outros agentes, algumas vezes em relação de complementaridade e de colaboração, e em outras, em relação de atribuições. A prática educativa tem sua gênese em outras práticas que interagem com o sistema escolar e, além disso, é devedora de si mesma, de seu passado. São características que podem ajudar-nos a entender as razões das transformações que são produzidas e aquelas que não chegam a acontecer (SACRISTÁN, 1999, p. 91).

Essa perspectiva nos possibilita avançar e ir além de uma compreensão de prática como produto de uma ação individualizada, rompendo com essa perspectiva e dando ao conceito uma categoria de espaço e tempo também mais amplo. Assim, o autor distingue ação de

prática, afirmando que as ações referem-se aos sujeitos, embora possamos falar em ações coletivas; e prática é a cultura acumulada sobre as ações das quais aquela se nutre. Para o autor, “a prática é cristalização coletiva da experiência histórica das ações, é o resultado da consolidação de padrões de ação sedimentados em tradições e formas visíveis de desenvolver a atividade” (SACRISTÁN, 1999, p. 73).

Dessa forma, compreendemos as práticas instituídas como cultura que se propaga, que se multiplica e se estende a diferentes contextos e diferentes momentos históricos e sociais. Leva-nos a considerar que nossas práticas educativas hoje ainda são alternativas, respostas dos sistemas educativos às demandas socioeconômicas e políticas e às necessidades educacionais dos alunos. Contudo continuamos a perceber que são práticas pensadas e organizadas a partir de modelos tradicionais sobre as necessidades de ensino-aprendizagem dos alunos.

Em relação à educação infantil, diversos estudos apontam para a importância da reflexão e da consciência do educador no que diz respeito às suas práticas pedagógicas, intencionalidades e interações com as crianças e também para a necessidade de criar espaços bem diversificados que possibilitem a avaliação construtiva do fazer pedagógico e a formação do educador em relação ao desenvolvimento e educação moral, contribuindo ainda mais para o processo educacional da criança na educação infantil.

2.7 INTERAÇÕES COMO RECURSO DE DESENVOLVIMENTO

Para a evolução humana é preciso à troca de experiências, sendo assim necessário o convívio com tudo aquilo que esta a sua volta. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEIs)

A criança, centro do planejamento curricular, é considerada um sujeito histórico e de direitos. Ela se desenvolve nas interações, relações e práticas cotidianas a ela disponibilizadas e por ela estabelecidas com adultos e crianças de diferentes idades nos grupos e contextos culturais nos quais se insere. (OLIVEIRA, 2010 p. 05).

Segundo Barbosa, (2009) não nascemos sabendo nos relacionar com os demais. Precisamos da convivência com o outro para aprender formas de relacionamento, e isso se realiza nas tarefas cotidianas que realizamos junto com as crianças. Ainda podemos destacar um fato importante em que a criança tinha a família como o primeiro ambiente de socialização até sua ida para uma instituição de educação infantil. Com as mudanças ocorridas na educação, essas crianças estão chegando a essas instituições ainda muito pequenas, então cabe a essa, um papel fundamental em promover a interação entre as crianças e os diferentes adultos que passam a conviver.

De acordo com Oliveira (2008) no contexto escolar o professor deve criar condições e estabelecer relações com as crianças criando vínculos entre elas, o professor, e o objeto de conhecimento possibilitando assim:

Atos cooperativos, imitações, diálogos, disputas de objetos e mesmo brigas, entre tantos outros, são grandes momentos de desenvolvimento. Todas essas situações são frequentes nas creches e pré-escolas, devendo os professores criar condições para lidar positivamente com elas. (OLIVEIRA, 2008 p. 141).

Nas interações criança – criança é importante se trabalhar em grupos dando a oportunidade de interagirem entre eles buscando soluções para seus problemas formulando respostas para suas perguntas. Desta forma a DCNEIs nos aponta que:

As experiências vividas no espaço de Educação Infantil devem possibilitar o encontro de explicações pela criança sobre o que ocorre à sua volta e consigo mesma enquanto desenvolvem formas de sentir, pensar e solucionar problemas. (Oliveira, 2010 p. 6)

Nos momentos de interações entre as crianças o professor deve estar atento e fazer intervenções sempre que for necessário, promovendo um bom relacionamento de convivência e colaboração. Baseado em tais informações, podemos dizer que a interação entre os indivíduos, sem dúvida é uma ferramenta importante para a ampliação do conhecimento.

3 METODOLOGIA

Em nosso trabalho optamos por uma pesquisa de campo de natureza qualitativa e investigativa, mais especificamente o estudo de caso de inspiração etnográfica. Procuramos, por meio de observações, compreender o universo da educação infantil, de maneira que também possam contribuir com nossas análises e reflexões sobre as principais práticas educativas hoje adotadas nas salas de atividade.

Sobre a pesquisa do tipo estudo de caso, Sarmiento (2011) nos diz que, consiste em um recurso de grande adoção e contribuição de estudos nas escolas e demais organizações sociais. Ele afirma também que pesquisa etnográfica é uma valiosa ferramenta, que pode ser utilizada como base de estudos e é de grande importância na educação e nas demais organizações sociais, uma vez que a etnografia tem como seu fundamento estudos culturais, interpretações de crenças e valores. Quando se refere a estudo de caso, Sarmiento (2011), diz que este é o objeto de investigação em um contexto holístico podendo ser baseado de varias maneiras, qualitativa, quantitativa, dedutiva e investigativa.

Sarmiento (2011) destaca que é importante o investigador participar da observação fazendo parte do contexto, podendo recolher informações pessoalmente, mas mantendo-se neutro, sendo apenas um observador dos acontecimentos não interferindo nas ações dos atores que fazem parte do cenário observado, para que os resultados finais sejam analisados de forma natural.

Assim, através da participação e observação do cotidiano de uma instituição de educação infantil (CMEI) no Município de Serra/ES, recolhemos informações dos acontecimentos que ocorrem no contexto investigado, sobre os participantes: professores e alunos.

Através das observações feitas em campo, tivemos a oportunidade de presenciar diversas práticas educativas presentes na educação infantil e buscar entender o quanto elas contribuem para a formação da criança como sujeito dentro de suas particularidades e seus maiores desafios. Sabemos também que o educador da educação infantil enfrenta inúmeras barreiras

para exercer seu papel que vão desde as limitações de recursos em geral, até as dificuldades de lidar com a diversidade presente na sala de aula, mesmo diante dessas dificuldades acreditamos que é possível educar as crianças da educação infantil com qualidade e responsabilidade, obtendo melhores resultados na formação da criança como um sujeito autônomo e ativo em sua formação.

Para a análise dos dados produzidos, retomamos a leitura científica e buscamos inspiração teórico-metodológica na Análise de Conteúdo de Bardin (2006). Assim, com um olhar mais investigativo e direcionado, elegemos categorias de análises que nos possibilitaram falar e analisar os dados a partir de uma organização e sistematização pautada em nossas construções teóricas.

3.1 CONHECENDO A ESCOLA

Escolhemos o Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) “Pequeno polegar” para fazer nossa pesquisa de campo pela facilidade de acesso, e também pelo fato de conhecer alguns profissionais que atuam nesta instituição. O CMEI “Pequeno Polegar” pertence à Prefeitura Municipal de Serra-ES, localizado no bairro de Barcelona no mesmo município. A diretora do CMEI é antiga moradora do bairro, contribuindo assim o contato com os familiares e a comunidade atendendo crianças de 2 a 5 anos, em sua maioria os moradores são do próprio bairro, atendendo assim a uma clientela de classe média. Funciona em dois turnos, matutino e vespertino atendendo a mais ou menos 180 alunos por turno. O corpo docente é formado por professores, pedagogos, secretaria escolar e diretora. Sua estrutura conta com refeitório, sala de vídeo, pátio com brinquedos, sala de professores, uma pequena biblioteca e nove salas de aula.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos que fizeram parte desta pesquisa são alunos de uma turma do grupo V, de um CMEI que compõe a rede municipal de Serra- ES, composto por 21 alunos, sendo 11 meninos

e 10 meninas, participaram também 3 professoras, estes formam a nossa base de pesquisa, eles aparecem por meio de observação e entrevista audiovisual.

As crianças

A turma observada são alunos do grupo V que de maneira geral apresenta uma boa interação entre eles e com as professoras, são crianças na faixa etária de 5 anos, moradores do bairro Barcelona, e apenas alguns moram em bairros próximos. Observamos que se trata de uma turma muito unida e disciplinada, cooperando com o bom desenvolvimento das atividades do dia a dia. Acreditamos que por estarem juntos desde o Grupo II, seja um dos fatores da boa interação entre eles. “A maior parte do tempo eles se comportam como irmão” diz a professora regente que aqui vamos chamar de Helena.

Já nas aulas de Artes e Educação Física os alunos também apresentam uma boa relação de interação com as professoras, enfim, se trata de uma turma muito participativa, demonstrando constantemente entusiasmo e afetividade entre eles e para com as professoras.

As professoras

Participaram de nossa pesquisa, três professoras, sendo uma regente de classe, uma de artes e uma de educação física. De maneira geral todas estão na educação á bastante tempo, com a exceção da professora de artes que entrou na educação infantil há aproximadamente um ano e meio quando foi inserida a modalidade na educação infantil.

A professora regente Helena, já está na área da educação aproximadamente 40 anos sendo 17 somente neste CMEI, sempre optou por trabalhar com crianças na faixa etária entre 4 e 5 anos, pois sua experiência com crianças menores não deu muito certo, pelo fato de sua voz ser muito alta em alguns momentos e isso assustava as crianças, segundo ela. A mesma demonstra muito carinho com as crianças, parece conhecê-las bem, tendo interesse contínuo no desenvolvimento de suas crianças. Procura interagir com as famílias, porém tem pouco

retorno das mesmas. Ela demonstra ter uma vasta experiência, procurando se atualizar em suas práticas pedagógicas constantemente.

Quanto à professora de Artes que vamos chamar de Cintia, ela tem sua formação inicial em Artes plástica na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), fez a complementação pedagógica, que lhe deu Licenciatura Plena, fez pós em educação Infantil. O mestrado também na UFES. Desde 2007 ela trabalha como DT na rede estadual de ensino, atuando no ensino médio. Por ter se identificado com a disciplina Prática em Educação Infantil em sua graduação, ela tentou concurso pela Prefeitura Municipal de Serra, foi aprovada e está atuando na área de educação infantil desde então.

Joana, professora de Educação Física, também graduada pela UFES, desde 2000, fez pós e mestrado em sua área de atuação, concluindo em 2006 na mesma instituição. Sempre atuou no Ensino fundamental, iniciando sua experiência na educação infantil após a inserção da disciplina em seu currículo. Atualmente, trabalha com turmas do fundamental I no turno da manhã e à tarde no CMEI com alunos de 2 e 5 anos de idade.

4 APRESENTANDO OS DADOS DA PESQUISA

Em busca de resposta para nossos questionamentos ao que se refere à organização do espaço-tempo e como esse contribui para o desenvolvimento e aprendizagem da criança, sentimos necessária a participação diretamente com os sujeitos da pesquisa, e também observar de que forma esses elementos estão sendo organizados no interior da instituição.

As respostas aos nossos questionamentos foram obtidas através das observações dos diferentes espaços do Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI). Nosso contato com a escola ocorreu ainda quando estávamos no quinto período do curso de Pedagogia, na época em que realizamos um projeto do nosso Estágio Supervisionado em Orientação e Supervisão Escolar².

A presente pesquisa pretendeu obter informações junto ao corpo técnico pedagógico, as possibilidades de uma aprendizagem significativa através da organização dos ambientes que compõem o CMEI.

4.1 ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO E TEMPO DO CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Durante os cinco dias de observação nos espaços do CMEI, mais precisamente no acompanhamento de uma turma do grupo V, percebemos que a instituição procura manter um equilíbrio em suas atividades diárias, para que não ocorram ou para diminuir os conflitos entre as turmas nos principais momentos do dia, (a hora do lanche, jantar, pátio, religião, Artes, Ed. Física, vídeo e saída). As turmas são separadas por idade, ou seja, grupos de acordo com a

² Estágio Supervisionado em Orientação e Supervisão Escolar: Disciplina a ser cumprida em aulas de campo com objetivo consolidar as competências necessárias ao exercício profissional do pedagogo.

faixa etária, por motivo do espaço não comportar todos ao mesmo tempo e também para o melhor atendimento das crianças.

O CMEI “Pequeno Polegar” em 2001 deixou de ser administrado pela secretaria de Promoção Social (SEPROM) sendo assumido pelo Município da Serra, passando a ser Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI). Atualmente, atende, somados os dois turnos, em média 360 alunos.

Com as mudanças ocorridas, foi necessário que os profissionais da educação infantil passassem a ter outro olhar quanto às atividades desenvolvidas nesse espaço, passando a ser um espaço de transformação.

Ambientes observados

Para adquirir informações sobre a organização do espaço e tempo, percorremos e observamos diferentes locais da instituição em dias diversificados, indo ao CMEI duas vezes na semana. Aqui vamos destacar os principais.

A **sala de aula** observada atende em total de 21 alunos, possuindo mobiliários adequados com a faixa etária das crianças, como: cadeiras, mesas, armários e estantes para organização dos materiais.

Segundo Oliveira, (2008) o cenário da sala de aula deve ser preparado com arranjos que de sejam promotoras de desenvolvimento articulando conteúdos, atividades, horários, espaços, objetos e parceiros disponíveis. A autora diz que:

A valorização de apenas um ou alguns desses elementos pode gerar desdobramentos impróprios do processo educacional. Tais elementos formam uma ecologia culturalmente estabelecida que, é apropriada pela criança de forma singular, como ferramenta disponível para a realização de suas metas no “aqui-e-agora” de cada situação. (OLIVEIRA, 2008 p. 191)

Oliveira, (2008) chama a atenção quanto ao espaço da sala de aula, que deve ser organizado de forma que transmita conhecimento, tranquilidade, e concentração.

Percebemos que a professora organiza a sala de aula de acordo com as atividades que as crianças irão desenvolver no dia, ou seja, se vamos copiar no quadro, todas ficam viradas para frente, se a atividade é de grupo, são formados os grupos em formato de rodinha contendo 6 alunos em cada grupo, mesmo havendo essa formatação da sala sempre ficam alguns alunos isolados, sentados próximos a parede não ficando claro se foi escolha dos próprios alunos ou da professora, é como se fosse comum eles ficarem afastados dos demais alunos.

Nas paredes percebemos muitas informações para as crianças, pois contém não só informações trabalhadas pela professora regente (Helena), mas também materiais trabalhados pela professora do turno da manhã. Também constatamos que não há uma separação distinta, os materiais das duas professoras se misturam muito. Os brinquedos ficam guardados em caixas, e as crianças têm acesso quando solicitados pela professora, quanto aos jogos, ficam em cima do armário central, onde também ficam os cadernos empilhados.

Percebemos que a organização dos materiais da sala de aula não condiz com o pensamento da autora Oliveira, (2008) quando diz que:

As salas devem ser estruturadas de modo que facilitem a orientação das crianças sobre a rotina cotidiana. Para tanto, podem-se utilizar cartazes com os dias da semana, nome dos alunos presentes, nome dos ajudantes do dia, alfabeto, desenhos de relógio, cenas de histórias conhecidas. Os armários, dispostos em locais acessíveis às crianças, permitindo-lhes buscar e guardar materiais, trabalhando com autonomia. (OLIVEIRA, 2008 p. 197).

Faz-se notável, na sala de aula, a presença de trabalhos produzidos pelas crianças. A autora faz menção a essa prática que deve ser usada como um grande “caderno de atividades” expondo de maneira organizada as construções dos alunos, dando significado ao espaço, tornando a aprendizagem mais concreta. A autora aponta que o espaço da sala de aula pode ser organizado tornando um ambiente em que a criança seja estimulada. Sugere ainda que a criação de diferentes cenários, onde possam realizar atividades diferentes.

Também na visão de Barbosa (2006), o ambiente na concepção refere-se ao espaço, que é construído socio-historicamente, constituído e constituidor dos seres humanos. Nessa

constituição do sujeito humano, considera a organização do ambiente fundamental e importante na educação das crianças pequenas, para adaptar-se e reconhecer-se como sujeitos no local onde estão inseridas.

A professora destaca que a turma é bastante disciplinada, sempre colaboram para organização da sala. Quando a professora solicita que organizem a sala e guardem os brinquedos, por exemplo, não precisa pedir duas vezes, imediatamente a turma começa a executar o que foi solicitado, sempre de forma organizada e sem conflitos.

Ao observar o **espaço do pátio**, devemos levar em conta que esse deve ter uma combinação de diversos elementos que proporcionem à criança desenvolver suas estruturas motoras, sensoriais, simbólicas, lúdicas e relacionais.

O CMEI conta com dois pátios, sendo um coberto e outro pavimentado ao ar livre. Apesar de bem amplo, não oferece muitas opções para esses momentos de atividade livre, dispõe somente de alguns brinquedos como: escorregador, gangorra, balanços, alguns brinquedos desenhados no chão, amarelinha, caracol, e algumas árvores.

Lima, 1989 (*apud*, BARBOSA, 2006) faz uma crítica aos brinquedos encontrados nos pátios das instituições. Para eles, são:

Sempre os mesmos aparelhos de estruturas metálicas, com as mesmas cores e o areião. São objetos que dão prazer, mas não estimulam a fantasia; trens de concreto, onde não se brinca de outra coisa – o trem não é presente, nem real para as crianças – e não se pode mudar, deslocar, pois é pesado. (BARBOSA, 2006 p. 128).

Os autores acrescentam a necessidade de materiais com os quais as crianças possam criar e divertir-se, sugere a utilização de materiais flexíveis, como: as cordas, os troncos, pneus, cabos de vassoura.

Observamos que existe uma programação quanto à utilização do pátio, é feito um rodízio das turmas de maneira que não ocorra agitação e desordem. No momento que as crianças estão no pátio, são acompanhadas pela professora que, às vezes, fica só observando e em alguns

momentos faz mediações, organiza e orienta as brincadeiras, como: pular amarelinha, seu mestre mandou, pique-pega, entre outros.

Concordamos com Barbosa (2009) quando ela sinaliza o ambiente externo como aspecto importante dizendo que:

Ele inicia com o pátio, em espaço pedagógico de transição entre o dentro e o fora que se direciona a comunidade e à cidade. Na hora de brincarem no pátio as crianças realizam aprendizagens complexas, pois na brincadeira aprendem a linguagem oral, a motricidade, a música e muitos outros conhecimentos sociais e corporais. (BARBOSA, 2009 p. 93).

Assim, podemos concluir que o **pátio** é um espaço riquíssimo em possibilidades podendo ser transformado em um mundo encantado, contribuindo para a socialização, interação entre as crianças, promovendo seu desenvolvimento.

Quanto ao **refeitório**, este conta com uma área ampla e bem arejada, possui mesas adequadas com a faixa etária das crianças. Os momentos das refeições ocorrem em horários diferenciados para proporcionar maior tranquilidade aos pequenos.

Nesse momento os professores se fazem presentes incentivando a criança a se alimentar e experimentar novos alimentos, esclarecendo a importância de cada um. A criança é servida, não tendo a oportunidade de escolha de sua alimentação.

De acordo o RCNEI, (1998) aponta que:

Em torno dos três anos, caso tenha tido oportunidade de experimentar, a criança já tem condições para alimentar-se sozinha, determinar seu próprio ritmo e a quantidade de alimentos que ingere, mas pode necessitar de ajuda e incentivo do adulto para que experimente novos alimentos ou para servir-se. Nesta fase pode começar a rejeitar alguns alimentos, selecionando apenas os seus preferidos, e a repelir a ajuda do adulto para alimentar-se. (RCNEI, 1998 p. 35 vol. 2).

Ainda de acordo com RCNEI (1998) o espaço destinado ao momento da alimentação, deve ser organizado em pequenos grupos transmitindo segurança, conforto e tranquilidade.

Também observamos **outros espaços**, estes nos possibilitaram compreender o quanto é importante destacar que existem outros espaços que também trazem contribuições para melhor desempenho do cotidiano do CMEI.

Assim, a escola dispõe de sala de vídeo, onde os alunos vivem momentos prazerosos assistindo filmes de diversas histórias. Existe uma programação, onde cada professor tem seu dia de vídeo com as crianças. Contam ainda com um espaço nos fundos da instituição, onde são desenvolvidas atividades de projetos com horta, as crianças participam e acompanham o desenvolvimento das hortaliças que eles plantam, colhem e consomem em sua alimentação.

4.2 O QUE DIZ A EQUIPE PEDAGÓGICA QUANTO AO ESPAÇO DO CMEI

Tendo em vista que a organização do espaço-tempo contribui no processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança, conforme nos apontam os teóricos consultados, buscamos por meio de entrevista junto ao grupo pedagógico saber o que eles pensam sobre a organização desses elementos no interior da instituição. Abordamos algumas questões com relação aos espaços, sua importância e contribuição na formação integral da criança, uma vez que é neste contexto que a criança percorre a maior parte do dia.

Nas abordagens, percebemos que os profissionais da escola defendem a ideia de que os ambientes bem organizados proporcionam melhor desenvolvimento das atividades diárias, falam ser fundamental para desenvolvimento da criança. A diversidade dos ambientes oferecem possibilidades às crianças de movimentar-se, correr, brincar, construir, tornando-o significativo.

A professora Cintia (Artes) relata que:

Quando cheguei, senti falta da estrutura da escola para receber as oficinas de Artes, isso me deixou muito perdida no começo, mas eu comecei a perguntar as outras professoras como elas faziam, cheguei mais cedo varias vezes para conversar com as professoras da manhã (Entrevista da Professora Cintia, 2013).

Ao decorrer da entrevista a professora traz em seus relatos a importância de ter um espaço direcionado e organizado de forma adequada para que os objetivos das aulas sejam atingidos, de maneira satisfatória, semelhantemente ao olhar da professora de Educação Física Joana que diz:

[...] Que a estrutura do CMEI de certa forma precisa ser melhorada e adaptada, não está preparada para receber as professoras de Educação Física de forma adequada. Até temos um espaço, mas ainda não é o ideal para que a gente possa desenvolver melhor as nossas aulas (Entrevista da Professora Cintia, 2013).

A professora ressalta que o espaço físico não oferece condições básicas para suas aulas, pois o chão do pátio é muito áspero, se a criança cair, pode se machucar, e se isso acontecer precisa fazer relatório, abrir uma ocorrência e ela procura não fazer determinadas brincadeiras ou atividades, evitando assim que as crianças se machuquem.

A fala da professora nos remete ao que nos diz o RCNEI (1998) que valoriza:

A oferta permanente de atividades diversificadas em um mesmo tempo e espaço é uma oportunidade de propiciar a escolha pelas crianças. Organizar, todos os dias, diferentes atividades, tais como cantos para desenhar, para ouvir música, para pintar, para olhar livros, para modelar, para jogos de regras etc., auxilia o desenvolvimento da autonomia. (RCNEI, 1998 p. 62).

Alguns profissionais mencionaram sua insatisfação quanto a alguns espaços, que dizem ser inadequados para o desenvolvimento de suas atividades, como por exemplo, artes e educação física que não dispõem de espaço específico para suas aulas. Dificultando assim o seu trabalho com as crianças. Também a professora regente Helena diz que o espaço das salas de aula não comporta a quantidade de 21 alunos como acontece atualmente, diz que “o espaço é fundamental, que os alunos precisam sentir-se mais a vontade, sentar no chão, interagir com os colegas”.

A professora regente faz uma menção também quanto à rotina, mas destaca que deve ser planejada e pensada tendo uma visão de organização. Segundo ela “os alunos cobram sempre que ela esquece algo que faz parte do cotidiano deles, ela acredita que dessa forma o espaço transmite segurança ao perceberem e se reconhecerem como sendo deles”.

Todas as professoras abordadas, inclusive a pedagoga e a diretora, defendem que a instituição infantil deve estar voltada para uma rotina, não no sentido de ser maçante, desgastante, mas no sentido de organização, favorecendo ações educativas, e permitindo flexibilidade, de modo que não sejam repetitivas. Concordamos com Barbosa (2006) que nos chama a atenção dizendo que a rotina não foi criada para atender instituição de educação infantil, mas defende a rotina como estratégia necessária para a formação de sujeitos adaptados a modernidade (BARBOSA, 2006 p. 89).

Percebemos que o CMEI atribui grande importância à rotina acreditando que essa contribui para a organização e propicia o desenvolvimento e autonomia das crianças.

4.3 PRÁTICAS EDUCATIVAS

Em nossas observações podemos perceber que existem diversas práticas pedagógicas como a utilização de jogos pedagógicos, de músicas, de poesias entre outros, como dinâmicas de grupo, karaokê, tornando a aula bem diversificada. É claro que também são utilizadas atividades impressas, e os alunos também copiam bastante do quadro. A professora Helena valoriza bastante a utilização da música e de jogos na sala de aula. Afirma que:

[...] a pré-escola, hoje conhecida como educação infantil deveria ser apenas músicas e jogos, muitas brincadeiras e nada de escrito, apenas leitura [...] (Professora Helena 2013).

A professora regente também valoriza bastante o trabalhar com a leitura, promovendo vários momentos em que os alunos têm a oportunidade de ler, explorando inúmeros recursos didáticos e tecnológicos para dinamizar suas aulas, entretanto, percebemos que quando utiliza os recursos não absorve todas as possibilidades, em algumas vezes não contextualizando as atividades com as vivências dos alunos, não explorando as diversas possibilidades existentes na temática, como ocorreu na aula em que os alunos estavam trabalhando as palavras com a letra M.

Observamos que Helena trabalhava algumas palavras iniciadas em M. Primeiro MA, foram citadas algumas palavras pelos alunos, e outras em uma ficha previamente preparada pela professora, e assim decorreu ME, MI[...] quando chegou à sílaba MO, um dos alunos falou a

palavra “Morcego”. Foi muito interessante o decorrente desse fato, a professora pediu que uma aluna fosse até o quadro e escrevesse a palavra, ela escreveu MORSEGO, a professora foi mediando, levando a aluno refletir se havia escrito a palavra certa, perguntando-lhe se a palavra estava correta daquela forma, a aluna olhou-a com atenção e logo percebeu o erro em sua escrita.

Logo após esse fato, a professora Helena começou a explorar e contextualizar a palavra MORCEGO, perguntando aos alunos se eles sabiam o que era um morcego e por que eles dormem de cabeça pra baixo? Disse ainda que ele é um animal mamífero, e continuou sua sequência de perguntas querendo saber se eles sabiam o que era um animal mamífero.

Foi enriquecedor e esclarecedor presenciar esse momento, pois constatamos que as crianças participaram ativamente e muito motivadas. Ao final, a professora pediu que os alunos continuassem a pesquisa sobre os morcegos em casa, perguntando aos pais se eles sabiam por que o morcego dorme de cabeça pra baixo e durante o dia. E quem trouxesse a resposta ganharia uma surpresa. Vários alunos vieram com a resposta segundo a professora e ela prometeu um pirulito no dia das crianças, que foi alguns dias depois, realmente as crianças ficaram muito felizes. Entendemos que a professora Helena desencadeia o que Sacristán (1999) nomeia como prática social e coletiva. Constatamos que a professora demonstra uma compreensão de prática não como produto de uma ação individualizada, rompendo com essa perspectiva e dando ao conceito uma categoria de espaço, tempo e constituição também mais amplo.

Quanto às aulas de Artes entendemos através do pensamento de Silva (2009) ser fundamental para o desenvolvimento da criança possibilitando a elas o trabalho com imagem e movimento, a fim de, obter maior flexibilidade de pensamento, construção e ampliação de conceitos. Além de estar diretamente relacionado ao desenvolvimento da função simbólica, o que nos diferencia dos animais, a capacidade de acumular e representar os conhecimentos.

Percebemos nas práticas pedagógicas da professora de Artes, Cintia, que ela demonstra que existe um planejamento em suas atividades, procurou contextualizar com as crianças fazendo links com objetos concretos, procurou também diversificar nas atividades entre colagens, pinturas, recortes, rasgaduras.

Na primeira atividade observada à professora relembra a aula anterior que falava sobre paisagens, destacando as diversas paisagens, campo, cidade, deserto, floresta e assim por diante, logo após entrega aos alunos uma folha em branco e jornais, pede para escolher, recortar, e colar uma figura na folha em branco, em seguida solicita a eles que completem a paisagem a partir da imagem colada, desenvolvendo nas crianças não só a criatividade como também a imaginação, foi um momento muito proveitoso, as crianças ficaram inteiramente livres para produzirem.

Já na segunda observação a professora Cintia, ainda dentro do tema paisagem, apresentou às crianças um desenho de uma ilha com figuras de animais em (preto e branco), e no decorrer de sua aula ela foi orientando passo a passo os alunos a pintarem o desenho, começando a partir do fundo, seguido das folhas e assim por diante até completar todo o desenho, foi um trabalho muito interessante, por se tratar de uma turma de 5 anos ela não se limitou em dar apenas a pintura as crianças, ela foi além, ensinando a técnica de pintura.

Quanto às aulas Educação física, lecionadas pela professora identificada aqui como Joana, não nos pareceu ser muito planejada, talvez seja pelo fato de ambas as observações terem sido feitas em dias frios. No primeiro dia a professora optou por ter sua atividade na sala de vídeo, ou seja, assistir um filme que não foi previamente escolhido por ela, tanto que logo no início do filme ela percebeu que não era interessante e trocou. Já na outra aula, os alunos ficaram no pátio interno da escola fazendo atividades livres nos brinquedos como cavalinhos de plásticos pneus, brinquedos, ou simplesmente conversando em um canto, sem muita interrupção ou intervenção da professora.

Dentro da nova proposta curricular da educação infantil Silva (2009) diz que devem ser pensadas e planejadas atividades lúdicas que promovam a integração física e psíquica, valorizando movimento e expressão corporal. Cabe ao professor organizar e incentivar jogos, brincadeiras, dinâmicas, circuitos apoiando e respeitando as limitações e físicas e psicológicas da criança.

Observamos em nossa pesquisa que o CMEI de maneira geral procura atuar de forma lúdica e consciente, promovendo projetos e atividades que envolvam as crianças desde sua elaboração até sua execução. Podemos destacar a horta do CMEI onde as crianças participaram

ativamente, plantando as sementes, cuidando diariamente e colhendo suas hortaliças, e hoje faz parte do cotidiano das crianças, inclusive compondo o cardápio do CMEI. Segundo o relato da professora Helena.

A mostra cultural é outro exemplo que podemos ressaltar de contemplação de diferentes linguagens na educação infantil. O CMEI promoveu de diversas maneiras aos alunos a oportunidade de construírem seus aprendizados através de cantigas, poesia e brincadeiras. No grupo V a professora trabalhou de diversas maneiras, uma delas foi às cantigas de roda, foram confeccionados vários cartazes, feito pelos próprios alunos, em cada grupo foi feita uma cantiga, confeccionaram também um painel com foto deles ao redor de uma ilustração do planeta Terra (deixando entender que cada um tem que fazer a sua parte para cuidar do planeta).

Em relato durante nossas observações a professora Helena, nos diz que já tem um projeto em construção para o próximo ano, ela trabalhará com poesias, demonstra está muito empolgada e motivada para execução desse projeto dizendo que:

[...] passo horas no computador buscando material para meu projeto, às vezes quando vejo já está de madrugada [...] um projeto não pode ser construído do dia para a noite, leva tempo, estudo e pesquisa [...] tudo que acho vou colocando em uma pasta em meu computador e assim vou construindo aos pouco.

Desta forma entendemos a necessidade do professor estar em constante busca de novos conhecimentos, de uma formação contínua. Isso é fundamental para que se adéquem às novas exigências do século XXI, diante de um mundo moderno e em constante transformação, tendo que se adequar e para isso precisa buscar novas metodologias de ensino.

A professora Helena relata que “O professor nunca deve parar de estudar, tem que está se atualizando constantemente, buscando novas fontes atividades diferentes na internet [...]”.

Para professora Cintia diz que tudo é muito novo, a educação infantil está em seu segundo ano com a disciplina de Artes:

[...] comecei a comprar meu material. Comprei bastante livro de teoria, comprei bastante livro de atividade, é preciso correr atrás mesmo, das possibilidades para trabalhar, a escola tem o básico. [...] por está só em sala de aula, utilizamos bastante atividade xerocada.

Dentro desta mesma perspectiva a professora Joana diz que:

[...] Falta o material adequado [...] está tudo muito recente, está todo mundo se descobrindo ainda, estamos nos adaptando [...] muitas vezes precisamos improvisar, fazendo bolinhas de jornal, utilizando cabos de vassouras, pneus [...].

Diante desses relatos podemos notar que grandes são os desafios encontrados pelas professoras do CMEI, porém elas estão dispostas a fazer um bom trabalho pedagógico, promovendo aulas diversificadas, com objetivo de promover o aprendizado de seus alunos. Compreendem a necessidade de estarem em constante formação, adequando suas metodologias de acordo com sua realidade, trabalhando de forma interdisciplinar, valorizando o trabalho dos alunos e respeitando o tempo de cada um. Não se limitam em apenas cumprir suas atividades curriculares, mas apresentando-as de forma criativa e lúdica, de maneira que a construção do conhecimento científico seja construída de forma natural e contínua, tendo relação direta com as vivências das crianças. Assim, preparando os alunos do grupo V da melhor forma possível para ingressarem no ensino fundamental.

4.4 INTERAÇÃO DOS SUJEITOS OBSERVADOS

Como já destacamos anteriormente, a criança é um sujeito histórico e se desenvolve nas suas interações com outras crianças e adultos de idades diferentes. Daí a importância de uma relação sadia entre os alunos, professores e demais equipes da instituição. A interação com o outro em diversas situações possibilita o desenvolvimento e aprendizagem entre os envolvidos no processo. (RCNEI, 1998 v1 p. 30).

A turma observada (grupo V) de maneira geral apresenta uma boa interação, entre eles e as professoras, deixando a impressão de organização e cooperação, propiciando o bom desenvolvimento da rotina do cotidiano.

Nas observações percebemos que as crianças apresentam uma grande afetividade, contribuindo para uma boa interação entre eles, isso acontece talvez pelo fato de estarem juntos no CMEI desde o grupo 2. Oliveira destaca que:

Promover a capacidade da criança para relacionar-se desde cedo com parceiros diversos, particularmente com outras crianças, é uma opção fundamental se levar em conta a presente crise de solidariedade no mundo do trabalho, que se tem expandido para outras esferas da sociedade. (OLIVEIRA, 2008 p. 209).

A professora (Helena) faz um elogio à turma destacando que “É uma turma muito unida, e que a maior parte do tempo eles se comportam como irmãos”. Podemos observar que no momento de desenvolver as atividades, sempre havia colaboração no sentido de ajudar o colega quando demonstrava dificuldades. Nas brincadeiras e jogos pedagógicos que eram oferecidos na sala de aula, surgiam alguns conflitos, em alguns momentos era preciso que a professora fizesse uma intervenção; em outros, eles mesmo conseguiam resolver seus problemas, e logo estava tudo bem.

Durante os dias que tivemos observando a turma presenciamos a chegada de uma nova aluna, sendo muito bem recebida pelo grupo, que acolheu com muita receptividade, facilitando dessa forma o seu contato com os demais.

Percebemos que a professora valoriza bastante o trabalho em grupos, na maioria das vezes, ao chegar à sala de aula, ela já havia organizado as mesas, ora em duplas, ora em grupos de 5, 6 dependendo da atividade a ser desenvolvida. Oliveira (2008) aponta a importância em propor situações diversas em que o número de alunos seja diversificado como: exploração solitária, duplas, trios, e grupos maiores.

Também percebemos que a professora Helena apresenta um comportamento muito instável em relação à interação com as crianças, às vezes era carinhosa e atenciosa, mas em outras ocasiões, havia certo distanciamento. Em alguns momentos presenciamos cenas em que chamou a atenção da criança deixando-a reprimida e até mesmo levando-a ao choro, causando em certo constrangimento.

A intervenção da professora talvez não tenha sido de maneira adequada. Observamos que a relação da professora com os alunos na maioria das vezes é um pouco limitada, profissional, ocorrendo apenas uma comunicação essencial das atividades a serem executadas, demonstrando pouca afetividade. Segundo a professora Helena: “É preciso ter autoridade com as crianças para manter a organização e a disciplina”. As questões em relação à afetividade na relação professor-aluno parecem ser difíceis para essa professora.

De um modo geral pode-se perceber que a professora é uma parceira das crianças, procura manter a ordem na sala, preocupa-se com o desenvolvimento das crianças, respeita as singularidades de cada um, estabelece limites, dando apoio sempre que eles demonstram dificuldades. Apesar de apresentar a opinião anterior. Ela ainda acrescenta:

Gosta muito de trabalhar com Projetos, pois isso possibilita maior interação com as crianças e com as famílias e a comunidade, dessa forma as crianças e as famílias participam de momentos diferentes, prazerosos, enriquecendo assim a interação e o contato entre todos os envolvidos.

Isso nos faz lembrar o modelo de educação nas escolas de Reggio Emilia³ que é baseada nas relações, interações, e cooperação. Segundo Malaguzzi, 1993 (*apud* LINO, ano 1998. p. 101) é

[...] Essencial centrar a atenção na criança, mas sabemos que não é suficiente. Nós também consideramos os educadores e as famílias como o centro da educação das crianças. Desse modo, colocamos os três componentes no centro do nosso interesse.

Dessa forma, apostamos que a interação com a família traz grande contribuição no processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança.

³ Modelo de Educação de Infância que surgiu na cidade de Reggio Emilia no Norte da Itália.

Quanto às professoras de Artes e Educação Física, estas disseram ter uma boa interação com as crianças e que eles se relacionam muito bem durante as aulas. As professoras disseram que apesar de não ter um espaço reservado para as aulas, buscam soluções alternativas atraentes, mas sempre focada no melhor desempenho das crianças, que participam das aulas com bastante entusiasmo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nosso percurso como pesquisadoras, buscamos nos aprofundar e conhecer alguns aspectos relativos à educação infantil, explorando alguns passos de sua história e contextualizando-a na contemporaneidade.

Muitas foram às mudanças ocorridas ao longo da história. A educação infantil que tinha um atendimento voltado somente para a assistência, com o cuidado dos pequenos, preocupados apenas em atender as necessidades físicas e de higiene pessoal, passou a ser reconhecida como espaço educacional, visando o pleno desenvolvimento da criança até os 5 anos de idade.

Dessa forma observamos a necessidade de reorganização do espaço e elaboração de novas propostas pedagógicas que contemplem a criança como um ser histórico-cultural, pois para essa abordagem, o processo educativo se torna responsável em organizar o espaço da escola contemplando às múltiplas culturas e favorecendo a apropriação de conhecimento das crianças.

Percebemos que trabalhar com a educação infantil realmente é um grande desafio. Buscamos através das análises, conhecer os diversos aspectos referentes à organização do tempo-espaço e práticas pedagógicas presentes nesse contexto educacional. Através das observações e de entrevistas com a equipe pedagógica do CMEI, procuramos indicações para o melhor caminho a ser percorrido para o desenvolvimento das crianças da educação infantil, ressaltando também a importância da organização do tempo-espaço e o quanto ambas podem contribuir para isso.

Percebemos ainda, em nossa pesquisa, que a instituição busca atender de forma adequada as crianças, apesar dos desafios encontrados em seu cotidiano. Mesmo diante dessa realidade a instituição busca percorrer diversos caminhos para assegurar um atendimento de qualidade, transformando esse espaço em um cenário de aprendizagem e desenvolvimento. Notamos que há uma preocupação de toda a equipe pedagógica em mudar esse aspecto, buscando de diversas formas adequarem à instituição em um ambiente educativo.

É notório que as mudanças não param, um exemplo é a inserção de Artes e Educação Física na educação infantil que, acreditamos ter muito a contribuir para o desenvolvimento das crianças, pois entendemos que as crianças possuem cem (100) linguagens, como nos diz Malaguzzi (1998).

Concordamos que nesse nível de educação, as crianças precisam de movimento e criatividade. Por meio das aulas de Artes elas podem se expressar de diversas formas; na educação Física, podem se movimentar trabalhando as diversas áreas da motricidade. Porém entendemos que o espaço físico do CMEI ainda precisa ser melhorado, pensado e planejado para se tornar mais adequado para receber essas disciplinas.

Percebemos que os profissionais da referida instituição de educação infantil entendem a importância e o valor significativo da organização do espaço-tempo, buscando aplicar em suas práticas pedagógicas no cotidiano, elementos que possibilitam o desenvolvimento da criança de forma integral. Nesta perspectiva, sendo professor o principal mediador da educação infantil, deve desenvolver ações pedagógicas, apropriada para cada faixa etária, respeitando as especificidades de todas as crianças.

Ressaltamos que a organização do espaço-tempo e as práticas pedagógicas muito têm a contribuir no cotidiano das instituições de educação infantil (Barbosa, 2008), conquistando de forma progressiva um espaço importante no âmbito escolar. Sendo assim consideramos essa temática de grande relevância, esperamos que este trabalho sirva de subsídio para novos estudos, novas reflexões, que permitam um aperfeiçoamento constante na educação infantil.

Quanto a nós, futuras educadoras e pedagogas, a construção deste trabalho nos possibilitou conhecer um pouco mais desse universo que é a educação infantil. Isso nos fez perceber a responsabilidade que é lidar com as crianças pequenas. Quando pensamos no espaço da educação infantil e o quão ele é complexo, é relevante levar em consideração as especificidades de cada sujeito que ali está presente, propondo práticas pedagógicas inovadoras, que abram as janelas permitindo o desenvolvimento integral das crianças. Podemos dizer que a aprendizagem também deve fazer parte do nosso cotidiano como educadores, pois estamos em constante aprendizado, mediante a esse olhar entendemos que é preciso estar em constante busca de novos materiais, teorias e metodologias que possam

promover cada vez mais o desenvolvimento dos alunos durante o tempo em que ele estiver na educação infantil.

REFERÊNCIAS

ARCHIVES, A. **Proposta Curricular na educação infantil** - Pedagogia ao Pé da Letra- 2013. Disponível em <<http://www.pedagogiaaopedaletra.com.br/posts/proposta-curricular-para-educacao-infantil/>> Acesso em 26/05/2013

BARBOSA, M. C. S. (org.) **Práticas cotidianas na educação infantil** - bases para reflexão sobre as orientações curriculares, in projeto de cooperação técnica MEC e UFRGS para construção de orientações curriculares para educação infantil, Brasília, 2009.

_____. **Práticas cotidianas na educação infantil** – bases para a reflexão sobre as orientações curriculares. Brasília: Ministério da Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009. Disponível: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat_seb_praticas_cotidianas.pdf> Acesso em: maio de 2013.

_____. **Rotinas na educação infantil** – Por amor e por força. Ed. Artmed, 2006

BLOG OLHAR DE EDUCADOR - Rotina na educação infantil 2012. Disponível em <<http://www.olhardeeducadora.com/2012/12/rotina-na-educacao-infantil.html>> Acesso em: 26/05/2013.

Bardin, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2006.

BRASIL. Educação, Ministério e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental; **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. V. 1.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394 de 20 de Dezembro de 1996.

DAVIS, C; OLIVEIRA. Z de M. **Psicologia na educação**. Ed Cortez, 1994. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books>>. Acesso em: 26/05/2013.

FORMOSINHO, J. A Contextualização do Modelo Curricular High Scope no Âmbito do Projecto Infância. In: FORMOSINHO, J. (org.). Modelos Curriculares para a educação de infância. Portugal, Editora Porto, 1998.

GIMENO SACRISTÁN, J (2000). **Currículo: uma reflexão sobre a prática.** Porto alegre: Artmed.

GUIMARÃES. D, **Educação Infantil: Espaços e experiências in Educação Infantil cotidiano e políticas,** Campinas SP. Ed. Autores associados. 2009, p. 93- 103.

KRAMER, S.(org.). **Com a pré-escola nas mãos** 14º Ed.3ª impressão, editora Afiliada, São Paulo, 2002 SP pg. 31

KRAMER, S, LEITE, M.I (org.) **Infância fios e desafios da pesquisa-** Pesquisando infância e educação. Um encontro com Walter Benjamin. 2005, p. 14Disponível: <
http://books.google.com.br/books?id=A8b5IirLIn8C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>Acesso em: 03/10/2013

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. Currículo. In: **Teorias de currículo.** São Paulo: Cortez, 2011, p. 19 - 42.

MARTINS. J C; **Vygotsky e o Papel das Interações Sociais na Sala de Aula:** Reconhecer e Desvendar o Mundo, 1997. Disponível em <
http://togyn.tripod.com/o_papel_das_interacoes_na_sala.pdf>Acesso em: 14/06/2013

OLIVEIRA, Z. R. de. **Educação Infantil: Fundamentos e Métodos,** São Paulo – SP editora Cortez, 2008.

_____, Z. R. de. **O Currículo na educação Infantil - ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais** Belo Horizonte, novembro de 2010. Disponível:<portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task...>. Acesso em: 26/05/2013

PORTES, K. A. C. A **organização do currículo por projetos de trabalho**. Disponível: <<http://www.ufjf.br/virtu/files/2010/04/artigo-2a3.pdf>> acessado em: 21/11/2013.

SARMENTO, M. J. **O estudo de caso etnográfico em educação**, in: SARMENTO, M. J. (org.) Itinerário de pesquisa perspectiva qualitativa em sociedade da educação, RJ, Ed Lamparina 2011, p.137 -173.

SILVA, J. C. **O que o cotidiano das instituições de educação infantil nos revela**, in Ensinando aos pequenos de zero a três anos, Campinas SP, Ed. Alínea, 2009.

TAETS, S.P. Descobrindo caminhos para a educação pré-escolar, IN: SILVA, C.M.(org) **Proposta pedagógica da pré escola**. Espírito Santo 1ª. Ed. 1995.

SOARES, A da S. **Concepção De Infância e Educação Infantil** – Artigonal – Diretório de Artigos Gratuitos, 29/07/2009. Disponível: < <http://www.artigonal.com/educacao-infantil-artigos/concepcao-de-infancia-e-educacao-infantil-1080579.html>> Acesso em: 26/05/2013.